

## A lei da selva

**Data:** 23/04/2002

**Autor:** Lúcio Flávio Pinto - O Estado de S.Paulo

*Na Amazônia, pessoas que se destacam por sua combatividade ou pelas idéias divergentes que adotam, como Chico Mendes, continuam sujeitas a eliminação física premeditada*

**Belém** - Duas semanas antes de ser assassinado, em dezembro de 1989, o seringueiro Chico Mendes participou de um debate em Piracicaba, no interior de São Paulo. Confidenciou aos seus interlocutores, à margem das discussões sobre a Amazônia: estava com medo de morrer. Achava que seria mesmo assassinado se voltasse ao Acre, uma distante paragem do sertão brasileiro, só lembrada quando algum de seus filhos adquire fama, como o próprio Chico (& Jarbas Passarinho & Armando Nogueira & José Vasconcelos & etc.; na verdade, muito pouco etcétera a mais).

Francisco Alves Mendes Filho foi erigido à condição de herói por pessoas físicas e jurídicas (as então emergentes ONGs) de várias partes do mundo por seus "empates", uma resistência pacífica (como a do Mahatma Gandhi) aos desmatamentos, que estavam destruindo a seringueira, a "árvore que chora" do romance de Vick Baum; chorando látex, a seiva branca da existência dos antigos "soldados da borracha", abandonados à própria sorte depois de terem dado seu sangue vermelho no esforço de suprimento dessa vital matéria-prima aos países aliados na Segunda Guerra Mundial (1939/45).

O violento fazendeiro Darly Alves da Silva, o dono de fato do município de Xapuri, não estava nem aí para o herói internacional da ecologia. O que ele não tolerava era o caboclinho audacioso, que juntava gente na mata e se colocava diante dos peões contratados para derrubar floresta e substituí-la por pastagem para boi. Desacostumado de ver suas ordens não serem cumpridas, o fazendeiro mineiro colocou o desafio no que na Amazônia se tornara (e continua a ser até hoje) normal: a lista dos anunciados para morrer. Um tiro de escopeta espalhou 60 fragmentos de chumbo pelo corpo do seringueiro, recém entrado nos 44 anos. Com o estrondo, um cabo e um soldado da Polícia Militar acreana, responsáveis pela segurança do seringueiro, a poucos passos de distância, fugiram assustados.

Se Chico Mendes tivesse ido para algum dos países de origem dos seus aliados estrangeiros, lá ficando homiziado por certo tempo, e não para o Acre, ainda estaria vivo? Era uma possibilidade, bastante plausível. Já a outra alternativa, a adotada, era uma fatalidade: a família do fazendeiro truculento já havia determinado o destino do desafio.

Certamente por isso, quase chorando, Chico disse aos acadêmicos, que o ouviram encantados, em Piracicaba, que ele só queria uma coisa: viver. Sabia que, enquanto herói, estava com a sentença pronta, pendente apenas de execução. Queria poder voltar a ser um homem comum da mata, marido carinhoso, pai atencioso. Mas essa era uma dimensão que já não interessava a mais ninguém. Estava condenado a ser herói. Por consequência, precisava seguir seu destino: morrer; para tornar-se um mártir.

### Destino manifesto

O destino manifesto de Chico Mendes, só lateralmente abordado nos milhares de páginas escritas a propósito do seu assassinato, deveria ter servido de incentivo a um esforço coletivo de atualização, no sentido de conciliar o sertão amazônico com o acervo de franquias e direitos individuais do Brasil moderno. Do lado mais glamouroso do país, são poucas as pessoas marcadas para morrer. Quase sempre, porque fizeram da violência profissão de fé e ofício. É uma rotina entre traficantes de drogas, por exemplo. O cidadão comum, porém, entra nessa safra sanguinária por acaso, ou sem consciência da ameaça, tramada por seqüestradores, nos casos mais graves, em função da

expectativa de ganhos. Desde a redemocratização, deixou de ser rotineira nesse Brasil a ameaça de morte motivada pelas idéias. O crime político, enfim.

Na Amazônia, porém, pessoas que se destacam por sua combatividade ou pelas idéias divergentes que adotam, ou então porque pertencem às chamadas "classes subalternas" (rebeldes ou marginais), continuam sujeitas a eliminação física premeditada, a entrar para a relação da morte anunciada, que circula, com desenvoltura e cinismo, pelos grotões da região. Quando um personagem cuja notoriedade ultrapassou as fronteiras locais é a vítima, há repercussão no *upperland*, e, às vezes, impacto dos grandes, como no caso de Chico Mendes, porque esse é o papel principal que cabe a tais personagens: deixar-se ficar como uma bandeira, gloriosa porque póstuma, e heróica exatamente porque a dor da perda santificará a biografia, apondo-lhe o sinete da verdade e encerrando a história, a ser consagrada no universo ultramarino.

A colheita de nomes na safra do crime anunciado se faz sem alarido o ano inteiro quando ceifa a vida de gente anônima. Anônima para os grandes centros, onde nascem as ondas de cultura que irradiam pelo mundo. Relevante, porém, para as populações das quais nasceram esses líderes e dos quais elas tanto dependem para continuar a caminhar (quando, de fato, saíram do estado de letargia e já caminham). Custa ouro produzir essas lideranças. O processo de formação é demorado, claudicante, perigoso. O da destruição é simples e rápido. Há pistoleiros de aluguel nos arredores de qualquer zona de convergência dos fatores de tensão e conflito, que podem ser representados por garimpos ou fazendas, reservas indígenas ou acampamentos de lavradores sem acesso à terra, batizados como cidades. Mata-se em domicílio por um cachê que pode começar com algumas notas de 50 reais (as já populares "roseanas", um escárnio ao Rosa que melhor expressou literariamente o sertão brasileiro, o mineiro João Guimarães). O valor monetário depende do alvo indicado. Mata-se sem a mais remota idéia do valor social e pessoal de quem será eliminado. Eventualmente, a execução do "serviço" pode trazer dissabores ao profissional da morte (ou ao empreiteiro, quando ele toma as dores e cuida diretamente do "problema").

A violência, que ignora os parâmetros constitucionais em vigor na terceira maior democracia do planeta, é assustadora na Amazônia. Choca ainda mais quando é possível dimensioná-la em toda a sua amplitude. Ela tem uma face explícita, a dos assassinatos políticos, que visam eliminar divergentes e opositores, mais freqüentes do que supõe o noticiário jornalístico. Outra face se apresenta através da sobrevivência de formas sociais primitivas, algumas delas remotamente primitivas, como o trabalho escravo, legalmente abolido no país há quase 120 anos. Atualmente há um debate na região entre os que registraram algumas centenas de casos de escravidão de mão-de-obra no ano passado e os que fazem seu cálculo com base em alguns milhares de ocorrências. A diferença soa como problema metodológico. Abstrai-se que centenas ou milhares diz respeito a vidas humanas.

### **Violência sutil**

Mas há violências sutis que a rotina se encarrega de banalizar. Quem viaja durante o verão pelas grandes estradas de chão compactado da região, ainda as predominantes, cinco décadas depois das primeiras rodovias de penetração na Amazônia, pode testemunhar, sobretudo aos domingos, um espetáculo de agressão dissimulada: famílias inteiras, vestindo sua melhor roupa, recebem camadas e mais camadas da grossa poeira vermelha levantada pelos carros em trânsito, nos quilômetros que precisarão seguir à margem da estrada até o culto religioso que as espera.

Saíram limpas e bem vestidas de casa. Regressarão empoeiradas e desgrenhadas do programa semanal mais importante de suas agendas. Não notarão o desrespeito se já estiverem suficientemente embrutecidas pela "lógica da fronteira". É a lei não escrita, mas cumprida à risca, segundo a qual os direitos e garantias individuais são para todos os brasileiros, mas não exatamente para os sub-brasileiros da jungle, da terra selvagem que cabe ao bandido amansar, como o modelo de pioneiro na frente de abertura econômica, enquanto o mocinho não chega. Se é que chegará algum dia.